



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

MARCOS AURÉLIO SUWATE XERENTE

**DESAFIOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FORMAL E NO ENSINO SUPERIOR:
REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA**

MIRACEMA DO TOCANTINS(TO)

2019

MARCOS AURÉLIO SUWATE XERENTE

DESAFIOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FORMAL E NO ENSINO SUPERIOR:
REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, como requisito para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob orientação da Prof. Dr.^aReijane Pinheiro da Silva.

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

X6d Xerente, Marcos Aurélio Suwate.

Desafios Indígenas na Educação Formal e no Ensino Superior: Reflexões a Partir da História de Vida. / Marcos Aurélio Suwate Xerente. – Miracema, TO, 2019.

34 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Serviço Social, 2019.

Orientadora : Reijane Pinheiro da Silva

1. Indígenas. 2. Educação. 3. Ensino Superior. 4. História de Vida. I. Título

CDD 360

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DESAFIOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FORMAL E NO ENSINO SUPERIOR:
REFLEXÕES A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA

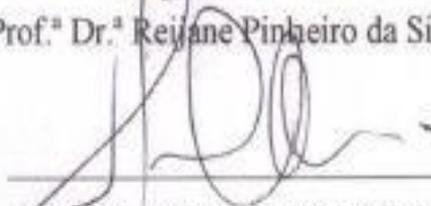
Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, foi avaliada para a obtenção do título de bacharel e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 17/08/2019

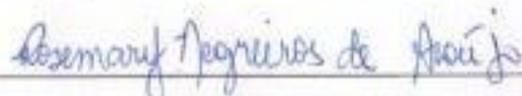
Banca examinadora:



Prof.ª Dr.ª Reijane Pinheiro da Silva, Orientadora, UFT



Prof. Dr. Héber Rogério Grácio, Examinador, UFT



Prof.ª Dr.ª Rosemary Negreiros de Araújo, Examinadora, UFT

Agradeço a Deus que me deu forças para concluir este projeto de forma satisfatória. E também a minha família que sempre esteve ao meu lado, nos momentos que precisei sempre me apoiaram com palavras de fé, para superar os desafios.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para fazer faculdade e o trabalho de final de curso. Sem ele, nada disso seria possível. Também sou grato ao senhor por ter dado saúde aos meus familiares e tranquilizando o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica até então. A sua infinita sabedoria colocou força em meu coração para vencer essa etapa de minha. A fé no Senhor, sem dúvidas, me ajudou a lutar até o fim. Obrigado, meu por iluminar o meu caminho durante a realização deste trabalho. A fé que tenho no Senhor foi combustível para minha disciplina, persistência e força. Agradeço todas as bênçãos que recaíram, não só sobre mim, mas também sobre todos aqueles que amo.

Agradeço à Universidade Federal do Tocantins (UFT) Campus universitário de Miracema, pelo ambiente e a oportunidade de fazer o curso. Sou grato à cada membro do corpo docente, à direção e a administração dessa instituição de ensino. Que ao longo da minha formação ofereceu um ambiente de estudo agradável, motivador e repleto de oportunidades. Sou muito grato pela a Universidade Federal, agradeço a todos os servidores que da instituição que de uma forma contribuíram na minha trajetória acadêmica.

Agradeço a professora Dra. Reijane Pinheiro da Silva, pela orientação, apoio e confiança. Pelo suporte, orientação, correções e incentivos. Também agradeço com muita honra os docentes que fizeram parte da minha defesa, o professor Dr. Héber Rogério Grácio e a professora Dra. Rosemary Negreiros de Araújo.

Agradeço a todos os professores por me proporcionaram o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos. Agradeço a todos da Biblioteca pelo carinhoso apoio.

Agradeço a minha mãe, heroína e conselheira pelo apoio e incentivo incondicional nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Ao meu avô, que não pode estar presente neste momento tão incrível da minha vida, mas se hoje consegui concluir a faculdade, devo tudo a ele. Seus ensinamentos e valores alimentaram minha alma e conduziram meus passos até aqui. Saudades eternas. Também agradeço a minha avó, que é uma guerreira que sempre está ao meu lado me incentivando e dando apoio, uma conselheira de todas as horas. Sempre esteve presente na minha vida nos momentos de desafios e dificuldades na jornada da minha vida. Obrigado meus irmãos que sempre estiveram na torcida na conclusão do meu curso. Também

agradeço os meus tios, tias, primos e sobrinhas. Aos meus amigos que sempre apoiaram a minha jornada acadêmica. Agradeço a todos os meus familiares. Obrigado a todos, sou grato a Deus pela a minha família.

POEMA

A persistência é o caminho do êxito.

EM AKWÊ

Kbure rommãdâ tuiti, are nōkwa sikwanĩ wa zatô rommãdâ kazati.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, que apresento na primeira pessoa, começo contando a minha história de vida associada com o ensino formal, desde a alfabetização em português, até a conclusão do curso de serviço social na UFT. O objetivo foi apresentar minha trajetória e refletir sobre a relação entre os indígenas e a educação, considerando-a como uma ferramenta de libertação. No capítulo apresentado contei a minha história com a educação escolar, intercalando experiências na aldeia e na cidade e, por fim na universidade. Esta é uma história de muitas pessoas, que, como eu, enfrentaram o desafio de viver entre duas culturas e não esmoreceram diante das distâncias, preconceitos, privações e exclusões. Não poderia contar essa trajetória na terceira pessoa, pois estou falando do que vivi, senti, pensei, enfrentei e superei. Defendo o direito de me fazer presente nesta parte do trabalho, pois reivindico o direito à minha história e à história do meu povo.

Palavras-chave: Indígenas. Educação. Ensino Superior.

ABSTRACT

This course completion paper, which I present in the first person, began as long as my life story associated with formal education, from literacy in Portuguese, to the completion of the social work course at UFT. The objective was to present my trajectory and reflect on the relationship between the indigenous and education, considering it as a tool of liberation. In the first and only chapter I told my story about school education, interspersing experiences in the village and the city and finally at the university. This is a story of many people who, like me, faced the challenge of living between two cultures and did not fade in the face of distances, prejudice, deprivation and exclusion. I could not tell this trajectory in the third person, because I am talking about what I lived, felt, thought, faced and surpassed. I defend the right to be present in this part of the work, as I claim the right to my history and the history of my people.

Keywords: Indigenous. Education. University Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	12
2 A MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR	12
CAPÍTULO 2	28
3 O APRENDIZADO NA ALDEIA – A ESCOLA DO DIA-A-DIA	28
CAPÍTULO 3	32
4 CLÃS AKWÊ	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, que apresento na primeira pessoa, começo contando a minha história de vida associada com o ensino formal, desde a alfabetização em português, até a conclusão do curso de serviço social na UFT. O objetivo é apresentar minha trajetória e refletir sobre a relação entre os indígenas e a educação, considerando-a como uma ferramenta de sobrevivência. Nos capítulos apresentados conto a minha história com a educação escolar, intercalando experiências na aldeia e na cidade e, por fim na universidade. Esta é uma história de muitas pessoas, que, como eu, enfrentaram o desafio de viver entre dois mundos e não esmoreceram diante das distâncias, preconceitos, privações e exclusões. Não poderia contar essa trajetória na terceira pessoa, pois estou falando do que vivi, senti, pensei, enfrentei e superei. Defendo o direito de me fazer presente nesta parte do trabalho, pois reivindico o direito à minha história e à história do meu povo.

CAPÍTULO 1

2 A MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Eu sou Marcos Aurélio Suwate Xerente, filho biológico da Márcia Stukrêpre Xerente, meu pai não é indígena e minha mãe se separou dele quando eu ainda não havia nascido. Após a separação ela foi para a aldeia Traíra, onde eu nasci. Ainda criança nos mudamos para a aldeia Zé Brito, fundada pelo meu avô Justiniano Sawrepte Xerente, no ano de 1992. Na aldeia Zé Brito morava somente a minha família, foi onde tive a minha infância, eu tinha 6 (seis) anos de idade quando a minha mãe conheceu outra pessoa não indígena e se casou. Ela foi morar na cidade, eu decidi ficar na aldeia com os meus avós. No ano seguinte comecei a estudar com meus sete anos de idade, o meu professor era o meu tio. Era uma turma multisseriada, mas mesmo assim era uma turma muito boa. Fui alfabetizado, aprendi a ler e escrever, estudei até a 4^o série do ensino fundamental. Como a série funcionava até a 4^o série, após ter concluído na aldeia, continuei estudando, pois não tinha opção de continuar as séries seguintes, pois a minha mãe voltou para a aldeia com o meu padrasto para morar, portanto com os meus 10 (dez) anos, fui morar com a minha mãe e padrasto. O meu padrasto disponibilizou a casa que ele tem em Miracema para que eu pudesse continuar com os meus estudos, mas como não tinha outra pessoa para morar comigo na casa, optei em não ir, porque não podia morar sozinho.

Mesmo com a série concluída na aldeia, continuei estudando, para não ficar parado. Já com 11 (onze) anos de idade, eu comecei a ir à cidade fazer compras para os meus pais. Eu não tinha contato com os não indígenas, mas como não tinha outro alguém para resolver compras domésticos, tinha que ser eu mesmo, ir até a cidade fazer compras, foi um tempo muito sofrido para mim, pois as compras eram feitas em Miracema e ainda eu levava do mercado até a Tocantínia. A compra sempre era grande, era muito pesada para levar a pé. De Tocantínia eu pegava ônibus que fazia linha de Palmas a Rio Sono, essa linha passa por dentro da Reserva Indígena, assim passando próximo da minha aldeia. Do ponto de ônibus até a minha casa é uma distância de 3 km de distância, levava a compra de bicicleta para a minha casa. Toda semana eu tinha essa mesma rotina, era o meu dever, fazer a compra da minha família. E também continuava o estudo na aldeia, mesmo tendo concluído a última série ofertada.

Com o passar do tempo, já estava com 14 (quatorze) anos de idade, já havia perdido muito tempo, a minha mãe preocupada com o atraso dos meus estudos e a minha idade

avançada, ela conversou com a irmã dela, minha tia, para que o filho dela mais velho, meu primo estudasse na cidade comigo, fazer companhia para mim, pois eu não podia morar só. A mãe do meu primo aceitou. No ano de 2005 eu e o meu primo saímos da aldeia para estudar na cidade de Miracema, eu estava com 14 anos de idade, a minha mãe me matriculou e comecei a estudar.

No início tive muita dificuldade, pois não compreendia a língua portuguesa corretamente e também a escola era diferente, colegas e professores, a comunicação tinha que ser na língua portuguesa, tudo era diferente. Olhava para os lados, não conhecia ninguém. Na hora do intervalo foi o momento que mais senti, pois olhei para os lados e não estava os meus colegas/amigos da aldeia. Vi as crianças não indígenas brincando e correndo, todos estavam se divertindo, eu fiquei admirando os colegas, pois para mim era tudo diferente. Não conhecia ninguém, o professor falava comigo, não entendia totalmente o que o professor falava. O professor explicava os conteúdos na sala de aula para a turma, eu olhava com muita atenção para entender a explicação dos conteúdos, sempre me esforçava muito para entender, pois a minha grande dificuldade era compreender a língua portuguesa do educador. Mesmo com todo esforço, pouco compreendia a conversa, eu tinha muita dificuldade de compreender, eu sabia lê e escrever, mas como nasci na aldeia e ter convivido a infância toda na aldeia, no dia a dia a comunicação é somente na língua Akwê/Xerente, que é a nossa língua mãe, a língua portuguesa é segunda língua para nós. Por isso nós indígenas sempre teremos dificuldade de falar a língua portuguesa corretamente.

Com o passar dos dias na cidade de Miracema, fui me adaptando com os colegas na escola, fazendo novas amizades, interagindo com a turma, com isso fui me sentindo bem, pois no início me sentia muito sozinho, pensava até em desistir, porque sentia muita saudade dos parentes na aldeia, das brincadeiras que tínhamos, era uma diversão sem fim. Na aldeia não tem rua, nem divisa e limite, brincávamos à vontade, éramos livres. Lembrando que na aldeia a frequência da fala era somente na língua Akwê/Xerente, que é natural para nós. Devido isso tive grande dificuldade na fala da língua portuguesa e o entendimento. Mas com o apoio dos colegas na escola, fui me desenvolvendo a cada dia, apreendendo a falar a língua portuguesa, e também interpretando melhor, pois junto na minha turma tinha adolescentes que eram da minha idade e nos dávamos muito bem, era uma classe muito unida, todos ajudavam um ao outro, também por ser indígena, meus colegas eram apegados a mim, pois tinham muitas curiosidades sobre a nossa cultura, faziam muitas perguntas voltadas ao meu povo Akwê,

Eu gostava de falar da nossa cultura, dos costumes, brincadeiras que tínhamos na aldeia, eles gostavam quando estava falando do povo Akwê. Era uma troca de conhecimentos, eles também me ensinavam muito sobre as brincadeiras não indígenas, das músicas infantis, desenhos animados, eu ouvia com atenção quando eles falavam e me ensinavam as brincadeiras não indígenas, mas não me interessava muito em aprender culturas diferentes, o meu pensamento sempre estava voltado nas brincadeiras e a convivência da aldeia. Mesmo assim fui me adaptando com a realidade totalmente diferente da minha cultura, com o apoio dos colegas e trocas de saberes e experiência, isso me ajudou muito a conviver com os colegas não indígenas, pois eu sempre era uma pessoa muito tímida, ficava no canto da sala. Aos poucos fui me desenvolvendo, sempre fui muito comportado na sala de aula, assistindo aulas com muita atenção, sempre muito dedicado aos estudos, assim no mesmo ano, tornando o melhor aluno da escola. A minha professora gostava muito do meu jeito, ela admirava muito o meu comportamento. Na escola sempre me esforçava para dar o meu melhor, já estava com novas amizades, colegas que me ajudavam nos trabalhos da escola, já estava acostumado com a rotina da cidade e da escola.

Na escola tinha presidente de sala, quando ouvi colegas que haveria eleição para ser presidente, me interessei em concorrer com os colegas não indígenas, quando veio a inscrição para representante da sala, fiz a minha inscrição com os demais colegas da sala, chegando no total de três candidatos ao cargo. Depois das inscrições feitas pelos concorrentes a professora pediu para fazermos os nossos planos de trabalho e apresentar para a turma na sala de aula para conquistar os votos. Fiz os meus planos para apresentar para a minha turma e assim conquistar votos, pois estava muito empolgado com a campanha, quando chegou o dia para cada um falar do seu plano para a turma, fiquei com medo de expor os planos que havia feito. Estava nervoso, tímido e o coração acelerava mais forte, mas mesmo assim a vontade era grande de ser representante da sala. Até que chegou a hora de apresentarmos os nossos planos para os colegas. Os colegas apresentaram falaram pouca coisa e assim chegou a minha vez. Eu estava muito animado, pois havia feito uma página de propostas para a minha turma, não conhecia totalmente qual era a competência do presidente da sala, mesmo assim havia colocado muitos deveres essenciais no meu plano de trabalho. Falei que ajudaria na organização da sala de aula, que entraria com pedido na direção da escola para trocas de carteiras, também sugerir que tivesse competição de jogos esportivos entre outras salas.

Após o termino da minha apresentação de propostas, iniciou a votação de quem seria o representante da sala, estava uma votação acirrada entre mim e a outra colega que era uma menina muito querida na sala, mas mesmo assim consegui a vitória com três votos a mais que

a colega. Fiquei muito feliz em conseguir o objetivo de ser presidente da sala de aula, a professora me parabenizou e desejou que fizesse um bom trabalho, só que eu tinha que ter um vice, a professora sugeriu que a colega que não conseguiu ser eleita, fosse o meu vice, eu aceitei a proposta com carinho, até porque ela era muito amiga minha. E assim fui presidente da minha turma, foi um orgulho para mim, pois na minha aldeia não existia presidente da turma, depois de eleito, sempre me esforçava para fazer o melhor na sala, sempre participava do conselho de classe da escola, isso foi muito importante para mim, pois com essa oportunidade pude conhecer as normas avaliativas por partes dos professores, também discutiam sobre alunos abaixo da média, o diretor pedia que esses alunos tivesse mais atenção dos professores para que ele consiga desenvolver. Acompanhando sempre as reuniões da escola, já sabia muita coisa sobre o funcionamento da escola e também sobre a minha função, onde e quando poderia contribuir para bem da minha turma. Na escola já me sentia bem, pois muitos colegas sempre me apoiavam e tinham amizade comigo.

Só que quando chegava da escola, como morava somente com o meu primo, sentia muita saudade dos pais e avós na aldeia, me sentia muito sozinho, era só eu e o primo na casa, ficávamos somente dentro de casa, não podia sair para outro lugar, até porque nós não conhecíamos ninguém na cidade. O trabalho doméstico era nós que fazíamos. Nós limpávamos a casa e preparávamos as refeições do dia a dia. Nós nos dávamos muito bem, sempre dividíamos as tarefas domésticas, sempre éramos muito unidos.

Na compra da alimentação, o meus pais e a mãe do meu primo ajudavam, pois a nossa responsabilidade era somente estudar. Todo final de semana nós íamos para aldeia, pois quando eu estava na aldeia, me sentia muito bem, brincava com os colegas, jogava bola, banhava no córrego, sempre era muito divertido estar na aldeia. Quando chegava segunda-feira dava vontade de não voltar mais para a cidade, já ficava com o coração apertado de saudade, dos pais irmão e avós, quando lembrava que na cidade tinha que preparar a própria refeição praticamente isolado na casa, sem poder sair para lugar nenhum, isso me trazia tristeza dentro de mim, pois isso me fazia muito mal, sempre ficava pensando preocupado. Ficava melhor quando estava na escola, pois lá encontrava com os colegas não indígenas. Eu gostava muito da aula de educação física, quando íamos para quadra de esporte jogar bola, ficava muito feliz, me divertia sempre com os demais adolescentes.

Eu gostava da escola, só achava ruim quando voltava da escola, porque ficava isolado em casa. Perto de casa tinha uma escola muito grande de ensino médio, sempre os meus professores passavam atividades para casa, me deu aquela curiosidade de conhecer a Biblioteca da Escola que fica perto de casa. Certo dia à noite, peguei meu caderno com as

atividades, fui para a escola de ensino médio, chegando lá, tinha uma mulher morena que trabalhava lá. Identifiquei-me, falei o meu nome, disse que era vizinho da escola, que sou indígena da etnia Xerente, após a minha apresentação, ela falou, que eu podia ficar à vontade, que era bem-vindo. Fiquei muito feliz com a recepção dela, pois eu imaginava que não fosse permitido a entrada na escola não sendo estudante da mesma. Ela me perguntou sobre as atividades que eu tinha, eu a mostrei, ela me ajudou a pesquisar palavras que eu não entendia no dicionário, gostei muito da atitude dela, a forma que ela me tratou na biblioteca, após o termino da atividade na agradei a ela pela atenção e a paciência que teve comigo. Ela disse que eu precisando de ajuda poderia procurá-la, que a biblioteca da escola estaria a disposição para pesquisar as atividades, fiquei muito grato por ela ter me ajudado na pesquisa do meu trabalho. Como essa escola ficava em frente à casa onde eu estava morando, sempre que tinha atividades para casa, gostava de fazer meus trabalhos da escola na biblioteca, pois a bibliotecária sempre me ajudava, e isso me incentivava mais ainda, fazia todos os trabalhos que os professores passavam para a classe.

Quando chegou o termino do 2º Bimestre no final do mês de junho, fui para aldeia passar as férias do mês de julho, foi tudo de bom poder ficar mais tempo com a minha família na aldeia, brincar com os colegas com a bola no campo, banhar no córrego a vontade, melhor que tomar banho de chuveiro. Quando foi no mês de agosto de 2005, iniciou as aulas no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente-Warã (CEMIX), foi uma grande conquista que o povo Akwẽ/Xerente teve, pois não havia escola de Ensino Médio na área indígena Xerente. Quando iniciou as aulas todos queriam estudar no CEMIX, pois o transporte coletivo passava na aldeia para levar para até a escola. Logo no início já me interessei de pedir a minha transferência para o CEMIX, mas a minha mãe pediu que eu continuasse estudando em Miracema até concluir a série que estava cursando. Quando chegou o final do ano letivo de 2005, com todas dificuldades e desafios que tive durante o ano, não tive problemas com as disciplinas, minhas notas eram todas acima da média, não tinha nem uma nota baixa, assim fui para a série/ano seguinte com boas notas, apesar de muitos desafios enfrentados durante o ano, consegui superar o medo que tanto tinha de ficar longe da família. Foi um aprendizado muito grande que tive, percebi que vale a pena se esforçar para superar os desafios, basta acreditar e se dedicar.

Quando foi no início do ano de 2006, pedi para a minha mãe que me matriculasse no CEMIX-WARÃ. Ela atendeu o meu pedido. Após ela ter feito a matricula fiquei muito feliz, para mim foi um orgulho de poder estudar numa Escola de Ensino Médio Indígena, que fica no centro da reserva indígena, num local estratégico facilitando o acesso de todas aldeias

Xerente. Quando iniciou as aulas, estavam os meus primos, tio, parentes e amigos, todos matriculados e começamos a estudar na mesma escola, no primeiro dia de aula voltei muito feliz para minha casa, que agora poderia morar na aldeia e estudar, sem falar que os demais estudantes todos eram somente indígenas Akwẽ. Quando estava na sala de aula me sentia em casa, pois estava meus amigos indígenas e parentes que estudava na mesma sala comigo. Os professores quase todos eram não indígenas, somente dois eram Akwẽ, todos eram ótimos educadores eu gostava de todos. Ao estudar no CEMIX-WARÃ eu sentia liberdade, um lugar tranquilo e livre, pois todos os dias o coletivo passava na minha aldeia às 10 h e 30 min, para levar os estudantes a escola, o funcionamento das aulas era somente no período vespertino, mas era suficiente para atender os estudantes de todas as aldeias. Eu gostava muito das aulas, os professores ensinavam com muita atenção para os estudantes indígenas, faziam gestos para facilitar a explicação dos conteúdos, pois muitos colegas indígenas não sabiam falar a língua portuguesa. Quando vi a necessidade dos colegas em falar a língua portuguesa, recordei da minha convivência na cidade, onde enfrentei dificuldades e desafios.

No Cemix-Warã já estava mais preparado para estudar, pois não tinha mais muita dificuldade de compreender os conteúdos, eu gostava muito da disciplina de matemática, dos cálculos que o professor passava na lousa, com duas explicações que o professor fazia dos cálculos, já era o suficiente para me aprender a resolver os problemas da matemática. No início não tinha campo de futebol e quadra de esporte para os alunos praticarem exercícios, tinha somente a quadra de vôlei, pois o local onde fica o Cemix tem muita areia, onde facilitou para colocar a rede de vôlei. Eu gostava muito de jogar vôlei com os meus colegas da minha sala, pois no momento era o único esporte que tínhamos para nos divertirmos na escola, na escola sempre tínhamos momentos muito felizes, tanto na sala de aula ou na quadra de vôlei, quando era momento de estudo, todos se dedicavam. O comportamento dos alunos no Cemix era totalmente diferente dos não indígenas, pois os estudantes Akwẽ/Xerente sempre tem respeito e consideração aos mestres, caciques, lideranças, a comunidade e aos anciões são uma referência para o nosso povo Akwẽ/Xerente. São eles que são responsáveis para ensinar os jovens a seguir um bom caminho e aconselham sempre a ser uma boa pessoa, guerreira. Os pais dos jovens sempre ensinam e aconselham seus filhos.

Com os ensinamentos dos meus pais e dos meus avós, pude apreender muita coisa boa para levar na minha vida, diante disso sempre me esforço para ser uma pessoa melhor e fazer a diferença para o meu povo Akwẽ/Xerente. No Cemix todos conviviam em harmonia todos respeitavam um ao outro. Na minha sala eu e outros colegas que já estavam avançados na aprendizagem, ajudávamos os colegas que tinham dificuldades de acompanhar os conteúdos

aplicados na sala de aula, pois alguns colegas precisavam de mais de atenção do professor. O primeiro ano no Cemix foi muito bom para mim, foi muito mais tranquilo com relação as notas das disciplinas, pois quando chegou no terceiro bimestre, praticamente havia já atingindo a média para passar à série seguinte, eu não tinha mais dificuldade nenhum com as disciplinas. Estudar na cidade me ajudou muito a me desenvolver, pois há cultura diferente entre indígena e não indígena, na cidade a comunicação tinha que ser somente na língua portuguesa, isso facilitou para apreender a falar a língua. Quando chegou o final do ano letivo de 2006, eu já sabia que não teria problema nenhum de seguir para a próxima série, pois as minhas notas era todas acima de oito e meio. E assim terminei o primeiro ano de estudo no Cemix – Warã, feliz com a minha família, feliz por ter passado com notas muito boas, pude perceber que a minha mãe estava muito contente em ver meu desenvolvimento.

Quando foi no ano seguinte a minha mãe renovou a minha matricula para continuar estudando no Cemix-Warã, quando iniciou as aulas já havia mudado algumas coisas na escola, quando iniciou as aulas em 2005 tinha três ônibus e no ano 2007 já estava com cinco ônibus fazendo a rota nas aldeias para locomover os estudantes indígenas. No primeiro dia de aula tinha muitos alunos novatos no, as salas já estavam mais cheias, pois o número de alunos aumentou, no intervalo tinha mais estudantes no pátio e na quadra de vôlei e também no campo society, que antes não tinha, fiquei feliz quando vi o número de estudantes aumentando no Cemix. No ano de 2007 conheci a minha esposa no Cemix, eu tinha 16 anos ainda, eu era tímido, mas mesmo assim procurava ela para conversar, foi muito difícil conquistar ela, pois eu conversava muito pouco. Tive atitude de pedir ela em namoro, ela aceitou o meu pedido, quando começamos a namorar já era final do 2º semestre de 2007. No mesmo ano que nos conhecemos tivemos relação na qual ela engravidou, na cultura quando você tira virgindade ou engravida uma mulher, o tio da menina/mulher conversa com os pais da menina e do rapaz/homem, para conversar e resolver o caso de como será a condução. No meu caso foi decidido que eu casasse, pois havia engravidado. Quando o casamento cultural foi marcado para o final de ano em dezembro no mesmo ano, fiquei muito preocupado de como eu poderia ajudar a minha esposa nas despesas domesticas e onde iríamos morar, e também a minha filha que estava por vim, afinal eu era apenas um jovem de 17 anos que não tinha renda mensal, somente estudava morava com a minha mãe e padrasto, que sempre foi mais que um pai para mim, me apoiou e ajudou sempre. Para mim a decisão que teve por parte da minha família, em apoiar o casamento, foi muito importante, pois eu tinha muita preocupação com relação ao casamento, não estava preparado para ser um pai de família, ser uma pessoa responsável pela família e pelo sustento, quando pensava nisso ficava muito triste,

pois não sabia o que fazer para mudar a situação que tanto me preocupava. Continuei estudando, mas eu já não me sentia mais à vontade, sempre pensativo e preocupado com o casamento que estava por vir.

Quando chegou o final de ano estava mais tenso, pois o casamento cultural já estava marcado para dia 15 de dezembro de 2007, onde na cultura o casamento é realizado na aldeia do rapaz que é noivo. Com toda aprendizagem, desafios e preocupação que tive durante o ano de 2007, concluir a minha série com as notas muito boas, repetindo o mesmo rendimento. E assim chegou o dia do casamento que foi na minha aldeia Zé Brito, no dia estava muito apreensivo, ansioso e preocupado no mesmo tempo, pois um jovem de apenas 17 anos que a partir naquele momento iria ser um homem responsável em cuidar de mim e da esposa, e brevemente pai, que no momento se preocupava em somente estudar, não tinha renda nenhuma, isso era muito preocupante para mim.

Quando foi no dia 15 de dezembro de 2007 levantei de manhã cedo e pensei comigo, hoje será o dia do meu casamento, sei que não estou preparado para isso, não será fácil, mas Deus sempre estará comigo, me dando força, coragem e saúde. Assim saí de casa e fui para a casa dos meus avós, eles já estavam acordados, sentei com o meu avô para tomar café, a assim ele estava conversando comigo, falando que nós homens não sabemos do nosso destino, nascemos para lutar e defender o nosso povo, e conseqüentemente a construção de família, e ainda disse, que a minha preocupação era certa, só que agora eu não seria mais uma pessoa solteira, que agora eu iria ter uma esposa e que isso é normal, faz parte da vida do homem. Com essas palavras do meu avô no dia do meu casamento, me trouxe mais segurança e força para enfrentar o desafio da vida de casado, após ter o termino da conversa do meu avô fui para casa, em seguida o meu tio foi até a mim para fazer a pintura corporal do casamento. Depois de toda preparação fiquei pronto todo caracterizado na cultura do povo Akwê/Xerente, fiquei aguardando a minha noiva, futura esposa ficar pronta, pois o mesmo estava também se caracterizando. Enfim, a cerimônia de casamento cultural foi realizado com sucesso, logo após o casamento o meu sogro foi até a mim e disse que a partir daquele momento eu era genro dele, pediu que acompanhasse a minha esposa até a cidade de Tocantínia na qual eles moravam, assim eu fiz, no mesmo dia fomos morar na cidade. Para mim foi muito difícil sair da aldeia para morar na cidade, pois já sabia como era a vida na cidade, onde tudo é capitalismo e morar numa casa murada, eu me sinto preso, diferente da aldeia na qual esteja sem dinheiro, mas tem outras opções de buscar outra forma de sustentabilidade.

Quando cheguei na casa do meu sogro em Tocantínia, estava muito tímido quando cheguei na casa deles, tinha vergonha de sentar com eles na sala, até mesmo para conversar

com o meu sogro e sogra, não me sentia seguro. Aos poucos fui me acostumando a conviver com eles, pois todos me acolheram muito bem, já não ficava mais tímido na frente deles.

Quando foi o ano de 2008, como já estava casado queria trabalhar seja onde for, não me sentia bem está morando na casa do meu sogro e não podia ajudar nas despesas domésticas. Diante dessa situação queria muito arrumar um emprego para trabalhar, falei com meu sogro para que ele me ajudasse a arrumar um trabalho, ele me disse que era pra ter calma, mas eu não me sentia bem ficar em casa sem poder fazer nada. Certo dia sair para procurar um emprego, fui até a prefeitura conversar com o prefeito, chegando lá expliquei que vim da aldeia Zé Brito, que agora iria morar na cidade, havia casado estava com a esposa grávida, precisava muito de um emprego para trabalhar, para ajudar a família. O prefeito olhou para mim e disse que entendia a minha situação, que iria ver o meu problema com carinho. Disse para eu organizar a minha documentação, logo em seguida ele perguntou a minha idade, eu disse que tinha 17 anos, ele falou que com essa idade não podia trabalhar. Por um momento já estava com esperança que iria dá certo de conseguir um trabalho na prefeitura, mas infelizmente não deu certo. Voltei para casa triste, sem saber o que fazer naquele momento, pois a minha vontade era muito de trabalhar, para contribuir na casa do meu sogro.

Quando iniciou as aulas no ano de 2008 fui estudar em Tocantínia junto com a minha esposa. Ela já estava no último ano do Ensino Médio. Em Tocantínia era bom, pois estávamos estudando a noite onde tinha muitos indígenas que estudavam, eu me sentia muito bem na minha sala, pois havia alguns colegas que haviam estudado no Cemix-Warã comigo, estávamos juntos novamente no Cefya Frei Antônio (escola). A minha esposa já estava no 7 mês de gestação, mas mesmo assim estudava para concluir o Ensino médio. Quando foi no mês de março veio um padeiro de Miranorte para Tocantínia, comprou a Panificadora para trabalhar, quando eu estava indo a Miracema, cidade vizinha de Tocantínia, separada pelo Rio Tocantins, uma colega que estudava junto comigo na sala me falou que havia vindo um tio dela para Tocantínia mexer com panificação. Disse que ele estava precisando de um funcionário. Ela me perguntou se eu estava trabalhando, disse a ela que não estava, que queria muito trabalhar, pois ela me orientou que fosse até a panificadora conversar com ele para pedir emprego, assim eu fiz.

Chegando na panificadora vi um homem que estava sentado, perguntei quem era o proprietário da panificadora, ele disse que é ele mesmo, me apresentei, disse o meu nome para ele, falei que eu era indígena, que estava procurando um trabalho. Então perguntei se ele precisava de funcionário, ele disse que sim, estava à procura de uma pessoa para trabalhar, foi

quando eu disse que tinha interesse de trabalhar na panificadora. Antes dele confirmar, olhou para mim e disse que eu poderia sim trabalhar, disse que o serviço era um pouco puxado, pois tinha que levantar cedo para ajudar colocar bolos e salgados na vitrine. Eu, disse a ele que isso não é problema, pois eu queria era trabalhar, então ele falou que eu já poderia começar o serviço no dia seguinte, confirmei o início do trabalho. Voltei para casa muito feliz, e no mesmo tempo estava ansioso, pois nunca tinha trabalhado ainda, mas eu acreditava em mim, que iria conseguir desenvolver um bom trabalho, quando chegou a hora me arrumei e fui trabalhar, chegando lá, entrei na panificadora e ele foi me explicando o que eu deveria fazer.

Ele me explicava sobre os horários de entrada e saída, também explicava quais eram as atividades que eu iria desenvolver. Eu percebi que daria para desenvolver um bom trabalho junto a eles. No início não sabia fazer praticamente nada, mas aos poucos fui aprendendo e desenvolvendo um bom trabalho. Com passar do tempo eu já havia aprendido a produzir, bolos, tortas, salgados e biscoitos, já estava produzindo tudo que a panificadora produzia para vender. Eu trabalhava e estudava no período noturno, era muito cansativo trabalhar e estudar, mas não tinha outra opção, pois não podia desistir dos meus estudos, e também não podia ficar sem trabalho, tinha a minha filhinha recém-nascida que precisava do meu apoio.

Durante o dia trabalhava, iniciava às 5 horas da manhã e seguia até às 11 horas da manhã. No período da tarde, tinha que voltar às 15 horas para fazer produção e deixar pronto para o dia seguinte. Após as 18 horas já estava livre, havia me adaptado com essa realidade, só tinha um grande desafio no período noturno quando chegava a hora de estudar, a aula iniciava às 19 horas. No entanto assim que chegava na sala de aula já estava muito cansado com a rotina do dia, sempre todos os dias após às 20 horas eu dormia na sala de aula, era sono que me atrapalhava a participar com mais atenção das aulas. Eu me esforçava para não demonstrar que estava cansado, mas o sono era difícil de superar, todo dia tinha que enfrentar esse desafio na sala de aula. Os meus colegas sempre me incentivavam a estudar, e falavam que eu merecia passar e concluir o ensino médio, pois estava estudando com muito esforço e superando desafios. As palavras de apoio por parte dos colegas me fortaleciam para continuar lutando mesmo com muitos sacrifícios e dificuldades enfrentados. Com passar do ano concluir meu ensino médio no ano de 2011, no mesmo ano de conclusão me inscrevi no Vestibular da UFT, Universidade Federal do Tocantins - Campus de Miracema. Pois eu havia pensado na distância da cidade de Tocantínia onde moro, que iria facilitar a minha locomoção até a universidade que fica na cidade de Miracema.

A proximidade da Universidade foi um dos motivos para escolher o Campus de Miracema para estudar. Depois que fiz a prova do Vestibular saiu a lista dos aprovados,

quando vi meu nome fiquei muito feliz, sempre foi a minha vontade de fazer um curso de nível superior. Eu havia concluído o ensino médio no mês de junho ano de 2011, no mesmo ano já estavam abertas as matrículas, eu fiz e já estava pronto para iniciar os estudos na Universidade, só que a Universidade tinha aderido à Greve nacional das Universidades Federal, fiquei aguardando o fim da greve. Como havia terminado o ensino médio no mesmo ano, estava cansado da rotina escolar, pois todos os dias tinha que trabalhar, e no período noturno estudava, com alguns meses de greve eu estava até gostando, pois estava descansando das aulas noturnas, para me motivar a fazer um curso de nível superior.

Quando foi no mês de novembro de 2011, havia acabado a greve das Universidades Federais. Quando chegou o dia do início das aulas na UFT, eu estava muito ansioso e ao mesmo tempo preocupado, pois não tinha conhecimento de como era estudar em uma Universidade. Após eu ter trabalhado na Panificadora, fui para casa as 17h, quando cheguei em casa me organizei para participar do primeiro dia de aula. Peguei os materiais que eu já havia comprado e coloquei dentro da mochila, estava preocupado com o horário do início da aula. Depois de tudo organizado as 18h, peguei a bicicleta e fui para beira do Rio Tocantins, atravessar a Balsa para a cidade de Miracema - TO, onde fica o Campus da Universidade Federal do Tocantins.

Quando cheguei na Universidade, não conhecia ninguém, já percebia um ambiente totalmente diferente da escola na qual eu conclui o Ensino Médio. Não sabia onde ficava a sala do primeiro período de Serviço Social. Após ter entrado no bloco administrativo da UFT, fiquei alguns minutos observando os demais estudantes na correria. No primeiro momento fiquei sem ação, pois não tinha ninguém para recepcionar e orientar os estudantes. Fui até um colega e perguntei qual o curso ela iria cursar, ela me respondeu que iria fazer o Curso de Serviço Social, que era novata na Universidade. Então ela me perguntou também se eu era novato e qual curso que eu iria fazer. Então respondi, que eu também era novato, e que o meu Curso é Serviço Social. Ela me respondeu, que então seríamos colegas de sala. Fiquei contente, pois assim já havia conhecido um colega de sala. Eu já estava menos ansioso, então fui perguntar para a colega que tinha acabado de conhecer naquele momento. Perguntei para ela, onde ficava a nossa sala de aula, e também perguntei, antes de entrar na sala, se tinha que pegar algum documento. Ela me respondeu que eu tinha que ir até a secretaria para pegar o comprovante de matrícula. Assim eu fiz, fui à secretaria e pedi o comprovante de matrícula. Após eu ter pego o documento, fui em direção da sala de aula, no caminho encontrei um colega indígena que também foi aprovado no mesmo curso que eu. Quando nos encontramos

ficamos alegres em saber que iríamos estudar na mesma sala. Percebi no colega indígena que ele também estava ansioso e curioso de como seria estudar na Universidade.

Quando entramos na sala de aula, ficamos até sem jeito de qual lugar iríamos sentar. Então falei para o colega indígena para que fôssemos sentar no fundo da sala de aula, ele concordou. Eu optei de sentar no fundo da sala, pois eu era muito tímido, não queria ficar na frente da turma. Sentado no meu lugar fiquei observando os demais colegas. Olhava para os lados não conhecia ninguém. Fiquei quieto no meu canto esperando o professor entrar na sala. Enquanto o professor não chegava, eu imaginava se iria conseguir estudar em uma turma que não conhecia os demais colegas, pois só tinha eu e o colega indígena que estava ao meu lado. Quando o professor entrou na sala de aula, fiquei mais tenso, observava com muita atenção. Foi então que ele se apresentou, deu boa noite para a turma e pediu para todos se apresentarem. Eu já não sabia como iria falar sobre mim mesmo, mas fiquei observando a fala dos colegas, e assim ficou mais fácil para falar. Após todos terem se apresentado, ele foi explicar o cronograma das aulas. Explicou a disciplina e como seriam trabalhados os conteúdos na sala de aula. Eu já tinha percebido que as aulas da Universidade em comparação com as aulas no Ensino Médio eram totalmente diferentes. Pois na UFT o professor já estava explicando o cronograma e os conteúdos da disciplina no slide.

Quando chegou a hora do intervalo sai da sala, fiquei olhando para os lados, procurando onde seria o refeitório da UFT. Percebi que os estudantes apenas sentaram nas cadeiras que ficavam no pátio. Até quando uma colega de sala aproximou e eu a perguntei se na universidade servia lanche para os acadêmicos. Ela sorriu e respondeu que não, que na Universidade os alunos apenas estudam. Eu havia perguntado sobre o lanche porque estava acostumado com a rotina da escola na qual cursei o ensino Médio. Eu havia concluído o ensino Médio no mês de junho. Quando foi no mês de novembro do mesmo ano, já estava estudando na Universidade. Pois na escola servia lanche todos os dias, havia pensado que na Universidade seria o mesmo. Diante desse episódio a cada dia fui percebendo que a rotina acadêmica no Campus universitário, era totalmente diferente.

Os estudantes eram individualistas, todos tinham seu grupinho na sala. Eu sentava no fundo da sala, observando o comportamento dos colegas de sala. Eu me sentia excluído por parte de alguns colegas na minha turma. Pois quando os professores passavam trabalhos de grupo para a turma, todos já tinham seus grupos formados. Teve dia que eu e o colega indígena que estudávamos na mesma sala, sentávamos um ao lado do outro. Havíamos ficado sem grupo, nessa hora me senti rejeitado. Mas pensei comigo que eu não podia ficar abalado com atitudes de discriminação e rejeição por parte dos colegas. Eu perguntei se algum grupo

estava faltando alguém para integrar o grupo. Foi quando uma colega me chamou para compor o grupo dela.

No início foi difícil acostumar com a rotina da universidade, pois o sistema e as normas eram todos diferentes. Certo dia, a professora passou um trabalho individual para a turma, pediu para a turma que o livro para responder as questões do trabalho, podíamos pegar na biblioteca da Universidade. Após a aula fui até a biblioteca com algumas colegas. Quando cheguei fiquei admirado com a organização dos livros. Quando perguntei sobre o livro que eu precisava para a menina que trabalhava na biblioteca, ela foi no computador e falou o número do livro e o número da prateleira. Fingi que entendi, mas não tinha noção de onde poderia encontrar esse livro. Com o tanto de livro que estava a minha frente enfileirada e numerada, não tinha ideia de onde pudesse encontrar o livro. No entanto esperei as colegas encontrarem o livro. Quando ela o encontrou, fui peguei um para levar até a minha casa, para responder o trabalho. Na semana seguinte levei o trabalho para entregar para professora. Só que eu não levei o livro para devolver na biblioteca, havia deixado em casa para fazer leitura quando houvesse um tempinho. Como já era rotina para mim, pegava livro na biblioteca da escola do ensino médio e passa quase 30 dias com o livro em casa para devolver. Com passar do tempo, percebi que eu não havia devolvido o livro na biblioteca da UFT, mas não havia me preocupado com tanto de dias atrasado.

Depois de alguns dias levei o livro que estava a quase 30 dias em casa. Quando chego na biblioteca tirei o livro da mochila e entreguei para a menina que trabalhava na biblioteca. Ela foi ao computador para dar baixa do livro. Quando a moça que trabalhava na biblioteca disse e eu queria a impressão da multa agora ou depois? Fiquei sem ação por alguns segundos, pois não sabia a que multa ela se referia. Foi quando eu perguntei para a bibliotecária, que multa que ela se referia. Foi quando ela explicou, que a multa era por atrasar na entrega do livro. Explicou que a multa é diária. A cada dia de atraso, é cobrado um real por cada livro. Fiquei muito surpreso quando soube da multa. Pois eu tinha hábito de pegar livro para responder as atividades e ficar muitos dias com o livro em casa. Quando a menina da biblioteca imprimiu o boleto da multa, foi quase 30 reais. Levei o boleto para casa, e acabei esquecendo-me de pagar.

Certo dia precisei pegar mais livros para responder questionários. Fui à biblioteca e pedi o livro que precisava para responder as atividades. A menina foi no sistema e falou que eu estava em debito com a biblioteca, ela disse que primeiro teria que pagar para continuar pegando os livros. Eu peguei o dinheiro do meu bolso e disse que tinha dinheiro para pagar naquele momento. Eu perguntei se podia pagar na biblioteca mesmo. Ela me explicou que,

essas multas só podiam ser pagas na caixa do Banco do Brasil. Pós ela ter explicado a situação e o sistema de funcionamento da biblioteca da Universidade, paguei o debito que eu tinha com a UFT. Desde então tive muito cuidado, sempre quando pegava livro da biblioteca, devolvia na data exata.

Quando os professores passavam trabalhos de seminários, sempre me preocupava em apresentar. Pois eu tinha dificuldades de falar a língua portuguesa corretamente. E também não tinha grupo definido para realizar atividades em grupo. Também sempre tinha dificuldades na interpretação do texto. Me esforçava sempre para compreender o texto na leitura. Com a ajuda dos colegas sempre facilitava, pois tinha discussões na interpretação. Eu sempre ficava atento para entender o texto. Sempre pedia para ficar com a parte final do texto para apresentar. Quando chegava o dia da apresentação do seminário, sempre ficava muito tenso. Na maioria das vezes não entendida a fala do autor no livro. Na hora da apresentação, ficava nervoso. Na maioria das vezes, enquanto os meus colegas do grupo apresentavam, eu tomava água para tentar amenizar o nervosismo. Apesar de sempre ser o último a apresentar, já ficava tenso quando estava chegando a minha vez. Sempre pensava comigo que já estava chegando a minha vez. O coração batia mais forte. As vezes ficava preocupado comigo mesmo, de o coração não suportar tanta pressão que eu sentia no momento. Também ficava tímido ao ficar na frente da turma. Essa grande dificuldade que eu tinha e sentia na hora da apresentação prejudicava-me muito, pois eu não conseguia me expressar de acordo com o meu pensamento e aprendizagem com o tema apresentado. Quando eu estava apresentando o trabalho frente aos meus colegas sentia a minha fala tremer e também não conseguia olhar no rosto dos colegas que estavam assistindo à apresentação do seminário

Com o passar do tempo dentro da Universidade fui me adaptando com a realidade e os desafios que enfrentava no cotidiano da UFT. Como as atividades de seminários eram constantes, aos poucos fui me acostumando e superando as dificuldades que eu enfrentava. A superação do medo e o nervosismo ao ficar em frente aos colegas foi um grande avanço no desenvolvimento acadêmico. Eu já gostava de apresentar seminários. Quando os professores consultavam os alunos de como seria as divisões das notas para a turma, eu já falava que o seminário teria que ter a metade da nota. Sempre em todas as disciplinas tinha seminários de apresentação. Eu já ficava contente, pois sempre tirava uma nota acima da média, assim garantindo a confiança de passar na disciplina sem ter muita dificuldade.

Também me deparei com alguns colegas e professores que demonstravam ser preconceituosos quando percebiam a presença indígena. Mas sempre quando me deparava com qualquer tipo de discriminação ou preconceito aos indígenas, eu não me calava e também

não me abalava com a situação. Sempre procurava forças para continuar lutando. Não pensava em desistir diante dos desafios enfrentados no cotidiano.

Os desafios e dificuldades que eu enfrento são constantes. Quando vejo ou ouço atos de preconceito ou discriminação ao povo indígena, me sinto afetado. Por mais que a ofensa não seja direcionada a mim, me sinto ofendido. Por isso sempre rebato as discriminações racistas praticadas por pessoas que não respeitam a cultura diferente dos indígenas. Quando eu presenciava ato de discriminação por parte dos colegas eu não me calava, sempre respondo aos colegas ou pessoas que expressam seu ato discriminatório.

Todos merecem respeito, independentemente de sua cor cultura ou religião. Temos que respeitar as diferenças.

Os desafios eram diários, tanto na Universidade quanto no trabalho e em casa. Após o dia de trabalho, chegava em casa e em seguida já me preparava para ir à Universidade. Chegava cansado, pois o trabalho na panificadora era muito cansativo.

Quando estava no 4º período do Curso, tive uma proposta de emprego na escola de tempo integral do Município de Tocantínia para trabalhar na sala de aula para ensinar a língua Akwẽ/Xerente. Uma escola de Educação Fundamental onde funcionavam as turmas do 3º ao 5º ano. Após o convite fui até a escola para conhecer a rotina e o funcionamento da unidade. Quando me explicaram que trabalharia uma hora de aula por semana em cada turma, que tinha 8 turmas na escola me interessei muito em trabalhar na educação, pois ensinar a língua Akwẽ/Xerente seria fácil pra mim. Sair de casa para ir à UFT todos os dias, atravessar na balsa para chegar até a universidade era um dos desafios que me desmotivavam em continuar a minha luta acadêmica. Quando chegava na beira do Rio para atravessar às vezes esperava muito, pois a balsa só pode atravessar com carro, se tiver somente os pedestres na balsa ela não sai. Após a travessia na balsa, durante o percurso até a universidade tinha que subir ladeiras, a UFT fica localizada na parte alta de Miracema do Tocantins. Essa serra já ficava próximo da UFT, quando chegava à Universidade sempre chegava suado, pois no trajeto tinha vários obstáculos. Com esse trabalho de professora da língua, no entanto, percebi que já haviam começado a reconhecer meus estudos superiores e vi que valia pena terminar esse curso.

CAPITULO 2

3 O APRENDIZADO NA ALDEIA – A ESCOLA DO DIA-A-DIA

Quando eu tinha oito anos de idade, gostava muito de ouvir lendas e histórias que retratam sobre o povo Akwẽ/Xerente. No período noturno, sempre sentava perto do meu avô, pois ele era ancião, pajé e cacique. Ele era muito sábio, conhecia muitos indígenas de outras etnias como os Xavante, Krahô, krikati Tapirapé. Era uma pessoa de muita experiência e conhecia muito sobre a Cultura Indígena AkwẽXerente. Foi uma pessoa muito respeitada em nossa comunidade pois ele era um pajé muito importante. À noite, sempre contava histórias para os netos. Eu ouvia com muita atenção as lendas e as histórias que ele contava. Eu gostava muito de conhecer sobre os saberes, os conhecimentos e a experiência que o meu avô ensinava. Ele tinha os cânticos próprios de pajelança que ele praticava nas curas de nossa comunidade pois todo pajé tem os seus cânticos e rituais específicos. Cada um tem a sua forma de realizar o ritual. Ele tinha um instrumento musical típico do povo Xerente. Durante o dia sempre ele tocava esse instrumento, uma espécie de uma trombeta.

Meu avô conhecia muito sobre remédios medicinais. Quando ele me levava para a cidade, da aldeia até o ponto de ônibus andávamos a pé uma distância de 2 km. No caminho, ele me mostrava a importância de cada erva medicinal. Eu ficava impressionado com o conhecimento que ele tinha sobre a utilidade de cada uma delas e ele explicava detalhadamente como preparar o remédio para curar uma determinada doença. Eu me interessava muito em aprender sobre cada planta que ele me mostrava e ia tirando as minhas dúvidas. Perguntava detalhadamente cada passo de como preparar um remédio caseiro. Também tinha curiosidade de conhecer os nomes de cada planta do cerrado e procurava saber se toda planta poderia ser utilizada como remédio. Ele me explicava que todas as plantas/ervas tinham seu benefício e contribuição para a mãe natureza. Que tudo nela tem sua importância. Sempre me orientava quando tivesse na mata que não destruísse as árvores sem ter objetivo para usufruir dela. Me explicava que a árvore também tem vida. Quando uma árvore é destruída, sente dor e chora, igualmente o ser humano.

Para os indígenas a natureza é sagrada. É a natureza que garante a resistência dos povos indígenas. Precisamos preservar o meio ambiente para garantir os benefícios que a natureza oferece para nós indígenas. O meu avô não gostava que destruísse ou derrubasse as árvores. Pois ele já se preocupava em preservar para garantir a nossa sobrevivência no planeta terra. Eu tinha um grande respeito e consideração pelo meu avô. Ele sempre se

preocupava com o bem-estar da comunidade da nossa aldeia. Quando chovia forte, com raios e trovões meu avô fazia ritual pajelança para que nenhum raio atingisse ninguém.

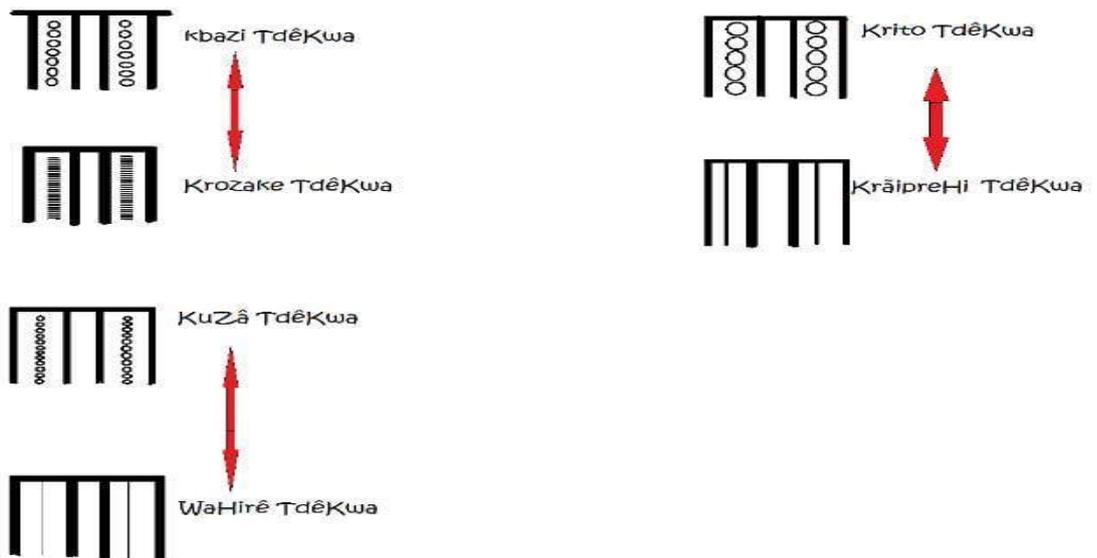
A minha avó também por ser uma anciã da aldeia, sempre tem se preocupado muito com os membros da nossa comunidade. Quando alguém adoecia a minha avó orienta para cuidar primeiramente com os remédios medicinais, ela não aceita que por qualquer doença fosse procurar hospital. Ela é uma anciã muito preocupada com as questões indígenas. Não somente com a nossa aldeia, e sim com todo o povo Akwê/Xerente. Sempre está pronta para defender a comunidade indígena.

Sempre gostei muito de participar das festas culturais indígena do meu povo Akwê/Xerente, quando elas acontecem nas aldeias. Desde criança meus avós me levavam para a festa Cultural Dasĩmpsê. Nas festas Culturais os responsáveis pela condução da organização são os anciões. O meu avô sempre participava juntamente com os demais anciões, pois toda festa Cultural quando acontece tem o objetivo de celebrar as singularidades da Cultura Xerente. E nesse conjunto de organização social os anciões são os responsáveis pelos rituais. Quando eu já era adolescente participei de muitas festas Culturais juntamente com o meu avô. Gostava muito de estar com ele. Pois eu aprendia muito. Tudo que eu perguntava em relação à cultura, ele explicava com muito carinho. Sempre fui interessado em aprender as singularidades da cultura. Nas festas eu participava de todas as atividades culturais. Dançava as danças, cantava e participava com a corrida de tora de buriti, sempre depois das 16h. A disputa é organizada pela divisão de duas equipes, solteiros e casados. Na corrida de tora nós solteiros sempre perdíamos para os casados. Os casados sempre eram os mais fortes. Também aprendia muito com os anciões que estavam presentes no Dasĩmpsê.

Certo dia em uma festa Dasĩmpsê, participei da nomeação feminina na minha aldeia. Para a nomeação feminina ser realizada antes tem todo ritual a ser seguido. São os anciões que acompanham e ensinam para ser realizada. Primeiro o Danõhuĩkwa (mensageiro responsável pela preparação da tora de buriti, usada na corrida), faz um ninho de seriema com a madeira no topo de uma árvore. Também é escolhido um jovem para ser a seriema. Próximo ao ninho, é feita uma oca onde serve para abrigar todos os homes e jovens que estão participando do ritual para nomeação feminina. Dentro da oca, os anciões durante o dia, ensinam os cânticos da nomeação. Todos em pé em círculo cantam coma borduna batendo sobre o chão. Cantam até ficarem práticos com o canto. Pela manhã são feitos os cânticos e rituais específicos para nomeação. No período da tarde quando não há corrida de tora, tem corrida de atletismo: Tki na Dawra. Nessa corrida as equipes também são formadas por grupos de casados e solteiros. No atletismo a corrida é com o bastão, (Tki) os competidores

ficam de dois em dois numa distância aproximadamente de 100m. Cada competidor vai passando o bastão para o membro de sua equipe. Vence quem chegar primeiro. Na corrida de bastão todos participam, mulheres e crianças da mesma faixa etária. As regras são as mesmas para todos.

No Dasĩmpê eu aprendia com os anciões quando eles estavam em grupo, onde os jovens e homens se uniam para aprender saberes indígenas com os anciões. Eu sempre ficava próximo e ouvia com muita atenção quando eles falavam sobre os seis Clãs do povo Akwẽ/Xerente. O povo indígena Akwẽ/Xerente é dividido em seis Clãs, sendo elas: Kuzã, Kbazi, krito, Wahirê, Krozake e Krãiprehi. Os filhos ao nascer são pertencentes ao Clã do pai. Os anciões sempre orientavam os jovens para haver respeito entre os Clãs. Todo Clã tem o Dasisdanãrkwa, que são pertencentes ao Clã parceiro. A figura abaixo mostra os Clãs do Povo Indígena Akwẽ/Xerente, a organização social da comunidade.



CAPÍTULO 3

4 CLÃS AKWÊ XERENTE

Parcerias Clônicas – Desenho Marcos Suwate

O meu esforço e interesse em aprender sobre as singularidades do povo Akwê/Xerente ajudou muito na compreensão da importância de cada organização social. A cultura para o Xerente é muito importante. É a nossa identidade, ou seja, onde estivermos jamais deixaremos ou esqueceremos as nossas tradições.

Na minha adolescência foi um tempo de muito aprendizagem da minha vida. Vivenciei e participei de costumes e tradições que levarei comigo para sempre. Nos finais de semana gostava de pescar e caçar com os meus tios. As vezes nós saíamos no período da tarde para pescar, ficávamos até a meia noite pescando. Era uma das atividades que eu mais gostava de fazer. Muitas vezes quando não tinha uma pessoa adulta para me acompanhar, não deixava de praticar a minha atividade favorita. Também gostava de acompanhar o meu tio nas caças. Quando nós saíamos em busca de caça, andava muito longe da aldeia. Era muito cansativo, mas não desistíamos de encontrar uma caça para abater. Quando conseguíamos abater caças de maior porte, voltávamos para avisar os demais membros da comunidade para buscar a caça e transportar até a aldeia. Na aldeia era feito a divisão da caça para toda família da aldeia. Toda caça que era abatida sempre era compartilhada para a família. Um costume muito válido para a minha transformação pessoal.

Ao relatar a minha experiência com a educação da sociedade não indígena eu não falei dos aprendizados na aldeia. Hoje, depois de muito refletir, percebo que as formas de ensinar e aprender no nosso mundo são muito diferentes do modelo educacional oferecido em quase todas as áreas indígenas. Todos sabemos da importância de aprender os saberes dos não indígenas, pois vivemos juntos e precisamos nos comunicar para sobreviver como povo. Precisamos, dessa forma, aprender a língua portuguesa, saber fazer a matemática, conhecer a história e as formas de cuidar da saúde dos “brancos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para muitos os indígenas deveriam fazer parte do passado do país, da história da colonização. Para muitos brasileiros atualmente permanece essa perspectiva: nós indígenas vivemos no passado. Quando passamos a reivindicar espaço na sociedade atual é comum dizerem que estamos deixando de ser índios. A verdade é que estamos sobrevivendo a todo esse processo e lutando pelo nosso direito de existir. A educação formal é, para nós, uma possibilidade de discutir com os não indígenas sobre a nossa realidade, a nossa identidade e os nossos direitos, sobre o nosso presente e não apenas sobre o nosso passado.

Nós Akwẽ/Xerentes somos um povo guerreiro e participativo na sociedade, observando que por estarmos muito próximos às cidades de Tocantínia e Miracema do Tocantins (o que separam é somente o Rio Tocantins), nota-se que não tivemos muita opção, e assim, com o tempo tivemos que nos adaptar ao modo da sociedade burguesa para sobreviver. Contudo antes” lutamos muito. Entretanto o tempo e as transformações sociais advindas do avanço territorial da sociedade não indígena alavancadas pela busca de acumulação de riquezas, foram crescendo muito e dessa forma somos cerceados cada vez mais na nossa territorialidade, originalidade e na nossa liberdade.

Como forma de sobrevivência plantamos, caçamos, e, na maioria das aldeias construímos nossas próprias casas com barro, palha, e madeiras encontradas no próprio território, também criamos animais, dentre outros. Fazemos de modo artesanal lindas peças vindas de capim dourado, cocos (babaçu, coco da “praia” e coquinhos pequeninhos) ou palhas, as quais usamos tanto para cobrir nossas casas, como para fazer esteiras, e tecer outras peças para nosso próprio uso.

Alguns Akwẽ não residem mais nas aldeias, devido aos seus locais de trabalho. Muitos são concursados ou prestam serviços às prefeituras ou ao próprio estado, de forma que fica mais prático residirem próximo aos seus locais de trabalho, bem como, escolas e faculdades, neste sentido muitos moram na cidade de Tocantínia. Esse é o meu caso. Para o autor Brito (2013, p.11) a cidade de Tocantínia é considerada como uma espécie de Warã, pois, é o lugar onde os indígenas se encontram, trocam idéias e conversam com seus parentes que lá moram. “Entre os Xerente há vários casos de jovens que saíram de suas aldeias para estudar, trabalhar e ter acesso a alguns serviços que não existem na aldeia. Esta é a realidade presente (BRITO, 2013; p. 28)”.

De acordo com as necessidades de adaptação nós Akwẽ/Xerente também vemos a necessidade de inclusão no mercado de trabalho, com vistas inclusive na nossa subsistência e

sobrevivência. Como uma dessas ferramentas nós indígenas começamos a compartilhar do espaço estudantil, como forma de adquirir conhecimento e empoderamento.



Foto: Marcos Aurélio Suwate Xerente – UFT- Campus de Miracema do Tocantins.

De acordo com a narrativa que apresentei, a minha vida na cidade para estudar foi difícil no que se refere à adaptação e saudades que sentia da minha família. O que me ajudou foi ter encontrado apoio na escola e ter feito amigos. No caso dos indígenas que deixam suas aldeias e vivem nas cidades maiores, como Palmas, os desafios são maiores. Até conseguirem encontrar algum apoio e acolhimento passam por muitas dificuldades, chegando a desistir. Na conjuntura atual e com novas demandas surgindo a cada hora, há uma espécie de necessidade de se ater ao conhecimento para assim saber como melhor agir no enfrentamento das situações, demandadas por cada gestão e cada lei nova.

Por muito tempo pensamos que nosso jeito de ensinar não era “educação”, nossas festas, nossos rituais, nossas formas de cuidar da saúde foram colocadas como inferiores ao saber imposto pelo contato. Por causa da nossa luta, a escola indígena é bilíngüe. Sabemos que isso não é suficiente. Precisamos que a escola dê lugar aos anciãos, que são a nossa biblioteca. É com eles que aprendemos. Precisamos levá-los para a escola, para o ensino médio e para a universidade. Ocupar esses espaços com o nosso modo de ensinar, valorizar e garantir a continuidade da nossa cultura. Nossa vida cotidiana é a nossa escola. Precisamos da escola formal nas aldeias, mas precisamos também que ela inclua os nossos saberes. Precisamos frequentar a universidade, mas precisamos que ela reconheça e respeite nossas ciências. Nós também temos medicina, o conhecimento pedagógico, formas de cuidado,

sabemos o tempo de plantar e colher, entendemos e respeitamos a natureza. Ela, assim como nossos anciãos, nos ensina como viver e respeitar o direito de todos.

REFERÊNCIAS

CABRAL, D. L. **Capitalismo versus formação sociocultural indígena:** Acesso e Permanência dos Alunos Akwê-Xerentena UFT. Trabalho de conclusão de curso (Graduação Serviço Social) – Universidade Federal do Tocantins, Miracema, TO, 2014.

XERENTE, L. G. S. **A perspectiva e lógica da gestão escolar no Centro de Ensino Médio Indígena Xerente Warã:** limites, desafios e possibilidades. Trabalho de conclusão de curso (Graduação Pedagogia) – Universidade Federal do Tocantins, Miracema, TO, 2012.

XERENTE, P. A. **A educação indígena Akwe-Xerente:** Retratos do Passado e do Presente. Trabalho de conclusão de curso (Graduação Serviço Social) – Universidade Federal do Tocantins, Miracema, TO, 2014.